

A CRISE (AMBIENTAL) COMO POSSIBILIDADE DE ROMPER PARADIGMAS HEGEMÔNICOS¹

Milton César Gerhardt², Walter Frantz³.

¹ Projeto de pesquisa realizado no Curso de Mestrado em Educação nas Ciências com continuidade no curso Doutorado

² Doutorando no programa de Educação nas Ciências da Unijuí. Bolsa Capes.

³ Professor e Orientador do Programa de Educação nas Ciências de Mestrado e Doutorado da Unijuí

Palavras Chaves: Cooperação; Consciência; Cuidado.

Introdução

Diversas pesquisas, estudos, publicações recentes e já realizadas nos alertam para a necessidade da reflexão acerca do agravamento da crise ambiental que estamos prestes a ter de enfrentar com coragem e ousadia. A natureza dá demonstrações que ação humana pode estar afetando a relação da vida como um todo. Diante disso, como pensar que sociedade queremos? Com esse modelo de sociedade hoje organizado para onde caminhamos?

Hoje, vive-se em meio a muitas dúvidas e incertezas, quando se olha para as questões ambientais e sociais, quando se observa como grande parte dos seres humanos vive, seja na riqueza ou na pobreza. Ao lado de muita riqueza, encontra-se muita pobreza. Vive-se em uma sociedade carregada de problemas sociais e desafiada a produzir soluções. Essa situação coloca a todos o desafio ao estudo, à reflexão e ao debate. É preciso saber que sociedade se quer e construir os caminhos em sua direção.

A construção de novos caminhos não começa com respostas prontas, com certezas ou verdades sobre os rumos a seguir. Começa pela dúvida, pela experiência dos erros, pela coragem da crítica e da autocrítica em relação ao modo de vida de grande parte da humanidade. Começa pela busca da compreensão do que está acontecendo. Por isso, é sempre bom ler e ouvir a respeito do que se escreve ou se fala. O conhecimento se constrói pelo estudo e pelo diálogo.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica acerca da crise ambiental. Busca-se tematizar e refletir sobre a questão ambiental, a partir de autores, preocupados com seus rumos e encaminhamentos, em âmbito e contexto mundial. Assim, inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa.

Discussão e resultados

Barros e Betto (2009, p. 172) abordam os recorrentes problemas ecológicos vividos no atual contexto de crise da humanidade como produtos da relação entre a destruição da natureza em seu “estado virgem” e o modelo de desenvolvimento dominante. Podemos dizer que existem dois tipos de natureza: a desrespeitada que pode ser também denominada de estragada, violentada, ameaçada ou mesmo destruída e a natureza humanizada, expressão usada por Marx (Apud, BARROS, BETTO, 2009, p.172) nos manuscritos “econômico-filosóficos” em 1844. O segundo tipo de

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

natureza seria aquela transformada pela intervenção humana mediante o trabalho, cultivando-a de maneira a se apropriar dos recursos naturais pelo trabalho e pela técnica, transformando-a em obra de arte humana.

Para Santos (2010), a crise como possibilidade de mudança do paradigma remonta para três questões cruciais vinculadas ao espaço e tempo mundial entre o Norte e o Sul: a explosão demográfica, a globalização da economia e a degradação ambiental. Todos estão intimamente interligados, uma vez que a explosão demográfica tornou-se um problema de desequilíbrio entre a população mundial e os recursos naturais e sociais fundamentais para uma adequada e equilibrada sustentação. Segundo o autor, há entre os diversos autores um ponto de comum acordo: os padrões de vida e de consumo, vigentes nos países do Norte, não serão partilhados com os do Sul.

Na visão de Santos (2010), o modelo de desenvolvimento capitalista tende a assumir uma hegemonia global, beneficiando uma pequena minoria da população mundial. Pela lógica desses grupos de empresas, as chamadas transnacionais que sintetizam em boa medida essa globalização perversa, as desigualdades sociais entre o centro (Norte) e a periferia (Sul) do sistema mundial tende a se agravar, ocasionando massas cada vez maiores de excluídos e à margem da sociedade. Assim, impõe-se como imprescindível a capacidade de articulação solidária entre os povos (ricos e pobres), pensando, de maneira especial, nas gerações futuras.

Para Barros e Betto (2009) um paradigma novo e importante para as ciências é a interdisciplinaridade. No diálogo com a educação ecológica, existe uma consciência de que é urgente que os saberes todos, com seus campos tão diferentes, se reencontrem e colaborem entre si em função da defesa da vida. A ecologia profunda, entendida como a necessidade de aprofundar a compreensão do elo que une o Universo, o conjunto vivo que o educador Edgar Morin (Apud BARROS, BETTO, 2009, p.170), chama com muita propriedade de pluridiverso. Assim como Fritjof Capra (Apud BARROS, BETTO, 2009, p.171) afirma que a vida é em si um mistério de unidade e complexidade, sendo uma teia de relações com o desafio de pensar a unidade e multiplicidade. Assim a ecologia profunda nutre-se desse profundo diálogo interdisciplinar. Acima de tudo trata-se de aprofundar a compreensão do elo que une o Universo na sua pluralidade.

Na visão de Capra, segundo Pelizzoni (2003, p. 52), o primeiro passo é mostrar que estamos vivendo uma “crise profunda, complexa, multidimensional que afeta a todos os níveis de nossa vida”, saúde e modo de vida, qualidade do ambiente e relações sociais, economia, ciência e política. A crise teria uma dimensão não só intelectual, mas moral e espiritual, ou seja, é preciso encará-la nas suas profundidades inauditas, para mostrar que ela se liga a uma desintegração social como: drogas, perturbações mentais, depressões, suicídios.

As atuais crises globais, econômica e climática, evidenciam o esgotamento do modelo tradicional de desenvolvimento, que tem como alicerce principal o crescimento por meio da relação produção-consumo. Cresce em toda parte, inclusive entre os líderes mundiais, a compreensão de que não é possível manter os atuais padrões de consumo, diante do aumento populacional previsto para as próximas décadas. Caso mantido o atual padrão será impossível atender as demandas cada vez maiores de alimentos, energia, água, enfim matéria prima sem agravar ainda mais as ameaças da biodiversidade.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

A crise ambiental, junto com o aquecimento ambiental não pode mais ser ignorada e passar despercebido, pois os efeitos são cada vez maiores e frequentes: ondas de calor, inundações, secas, entre outros desastres ambientais. O número de refugiados ambientais aumenta a cada ano e já supera os refugiados de guerra. Se estamos enfrentando uma crise sem precedentes que compromete a vida no Planeta e de nossos descendentes, é preciso estabelecer, desde já, a transição para um novo modelo de desenvolvimento, inclusivo, limpo e responsável, movimento este que começa a ganhar força no cenário internacional.

Os temas das principais conferências da ONU sobre o Desenvolvimento Sustentável apontam caminhos para uma Economia Verde e Inclusiva. Aliás, esse tem sido os principais temas de debate de temáticas que prometem ocupar as agendas nos próximos anos. Há uma busca pela agenda socioambiental, que terá que se pautar em novos marcos institucionais como reformas de políticas nacionais e internacionais; maior eficiência de recursos em setores-chaves como energia, transportes, agricultura e outros; revisão de subsídios prejudiciais ao meio ambiente; incentivos à inovação tecnológica; investimentos públicos e compras governamentais que priorizem a sustentabilidade; adoção de padrões efetivos para o pagamento pelos serviços ecossistêmicos; mecanismos de financiamento para conservação e inclusão social nas nações mais pobres, entre outras medidas que precisam ser fortalecidas em escala mundial (SCANNAVINO, 2012).

Capra (apud Pelizzoni, 2003) apresenta o ponto de mutação com três desafios básicos ou transições que estão abalando os sintomas da mutação: um, diz respeito ao declínio do patriarcado com movimentos feministas, ascensão da mulher no mercado de trabalho e nas relações sociais. Outro desafio é o declínio da era do combustível fóssil que tem sido a principal fonte de energia da moderna era industrial. O terceiro desafio é a grande “mudança de paradigma”, ou seja, mudança no pensamento, nos padrões, na percepção e nos valores que formam a nossa visão mais fundamental da realidade.

Na visão de Capra, (apud PELIZZONI, 2003, p.55) “estaríamos vivendo uma crise que faz parte de uma grande fase de transição, de profunda transformação cultural, um ciclo como os que ocorreram poucas vezes com semelhante amplitude.” Existe, portanto, a premência de uma profunda e complexa mudança de mentalidade da cultura ocidental, que necessita alteração nas relações sociais e formas de organização social muito além das reformas e ajustes e políticos propostos pelos atuais governantes. Para Pelizzoni (2003) é essencial que se avance em mudança de atitudes e comportamentos que valorizem relações de conhecimento não violentas. Contra a visão de sociedade como luta e competitividade traz-se a noção de cooperação, a partir do mais excelente funcionamento dos ecossistemas naturais, espelho para os seres humanos.

Segundo Paulo Freire (apud GADOTTI, 2000) precisamos aprender a viver nesse planeta, pois temos o mesmo destino comum. Dizia Freire no seu último ano de vida, em 1997, “quero ser lembrado como alguém que amou os homens, as mulheres, as plantas, os animais, os rios, a Terra” (GADOTTI, 2000, p. 19), reconhecendo dessa maneira o destino comum com o planeta. As ameaças são comuns a todos, mas a esperança necessita nos nutrir cotidianamente.

Qual é o sentido das nossas vidas? Surge como elemento refletir sobre o sentido das nossas vidas. Segundo Gadotti (2000) há dois caminhos possíveis para pensar a existência humana enquanto

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

busca de uma relação com a Terra: o Tecnozóico e o Ecozóico. O primeiro coloca toda sua confiança na tecnologia e acredita que é possível nos tirar da crise sem mudar nosso estilo poluidor e consumista de vida. O segundo caminho aposta no humanismo, reconhecendo que somos parte do mundo natural, vivendo em harmonia com o universo, caracterizado pelas preocupações ecológicas.

Assim, apresenta-se a “educação ecológica fortemente centrada na consciência ambiental” (GADOTTI, 2000, p. 78). Ter uma consciência ecológica é pensar no desenvolvimento sustentável que olha o mundo com um olhar diferente, isto é, “ser ecologicamente alfabetizado” (GADOTTI, 2000, p. 79), caminhando com sentido profundo no bem viver.

A ecopedagogia (GADOTTI, 2000) é uma pedagogia para a promoção da aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana. É uma pedagogia democrática, solidária que valoriza e impregna o caminhar com sentido nas práticas da vida cotidiana. É sobretudo uma pedagogia ética, uma ética universal do ser humano. Conforme Paulo Freire (apud GADOTTI, 2000, p. 80), “não podemos nos assumir como sujeitos de procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos.” A ética em questão é aquela que se afronta a manifestação discriminatória de raça, gênero, de classe.

Com um novo olhar sobre a educação, a ecopedagogia pretende desenvolver um olhar global, uma nova maneira de ser e estar no mundo. Trata-se de uma forma de pensar a partir da vida cotidiana que busca dar sentido a cada momento que pensa a prática nos instantes de nossas vidas, evitando assim, a burocratização do olhar e comportamento humano.

Segundo Ruscheinsky (2012), a emergência do paradigma da ecopedagogia significa lidar com certa insatisfação dos paradigmas vigentes, que abordam a perspectiva da consagrada tensão entre teoria e prática. A proposta pedagógica ultrapassa a adesão a projetos de despoluição e/ou preservação, para vir a compreender uma sustentabilidade socioambiental.

A dimensão política da ecopedagogia demanda uma grande energia que forja um trabalho para a educação solidária em termos das questões ambientais. Assim, há uma consolidação com a sustentabilidade do ponto de vista social, econômico e cultural. Dessa forma, conforme Ruscheinsky (2012) serão retomados problemas de grande amplitude tais como, os alicerces da sociedade moderna, a intensidade de ocupação populacional dos espaços geográficos, o predomínio da razão sobre outras dimensões humanas, o mito da intocabilidade da ciência, bem como o destino da sociedade, da cultura e do indivíduo.

Para a ecopedagogia ter uma educação voltada para a sustentabilidade, faz-se necessário o advento de uma consciência ecológica onde sua ação depende em boa medida da Educação Ambiental. “A emergência da consciência ecológica aponta para a compreensão dialética da história, em cujas características desponta que tudo está em movimento e tudo encontra suas respectivas conexões da teia social” (RUSCHEINSKY, 2012, p. 89).

Considerações Finais

Para a maioria da população, hoje, coloca-se o desafio da construção de um novo projeto de sociedade, o desafio da construção de novos referenciais para sua atuação no mundo em profunda transformação. Isso implica em profundas mudanças na concepção, organização e funcionamento da sociedade atual. Diante dessas circunstâncias econômicas e sociais do mundo atual, torna-se necessária a construção de novos caminhos para a maioria da humanidade. Torna-se necessária uma

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXIII Seminário de Iniciação Científica

alternativa que possa abrigar as necessidades e os interesses dos seres humanos, tanto no campo da economia como nas demais dimensões da vida, isto é, de todas as dimensões e formas de vida. Torna-se necessária a substituição das relações instintivas de concorrência pelas relações de respeito, de solidariedade e de cooperação entre os seres humanos e destes com o restante da natureza. Torna-se necessária a construção ou a reconstrução de relações mais associativas, solidárias e cooperativas entre os seres humanos, tanto no modo de pensar como de agir. A organização e as ações dos seres humanos não podem ter como fundamento apenas os seus instintos de competição e concorrência, ainda que instrumentalizados por normas e leis ou amparados em teorias sociais.

Porém, esse é um tema complexo, cheio de dúvidas e interrogações e que não se esgota em poucas palavras. No entanto, parece claro que é preciso construir alternativas ao modo de produzir, distribuir e consumir, fundamentado na crença de que a natureza e a humanidade não poderão suportar os atuais modos e circunstâncias de vida. Certamente, esse é um dos aspectos mais polêmicos e difíceis do momento histórico da humanidade. Porém, é fundamental reconhecer que os seres humanos se humanizam pelo reconhecimento solidário de suas diferenças e pela capacidade cooperativa nas ações. É dessa nova forma de pensar e agir que poderá nascer uma alternativa aos enormes desafios postos à humanidade, depois de toda a frustração com as experiências dos grandes sistemas políticos e econômicos da modernidade.

É aqui que começa a importância do estudo, da reflexão crítica, do diálogo. A construção de formas alternativas de vida depende de processos pedagógicos, da educação, da argumentação, da capacitação tecnológica, de valores e princípios de orientação de suas relações com os outros, sejam eles seres humanos, animais, plantas ou tantos outros elementos importantes à vida.

Referências Bibliográficas

BARROS, Marcelo; BETTO, Frei. O amor fecunda o universo: ecologia e espiritualidade. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. Tempos líquidos. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BOFF, Leonardo. Balanço anual do micro: brotos no deserto. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=5922>. Acesso em 04 de jan. de 2013.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da terra. São Paulo: Petrópolis, 2000.

PELIZZONI, M. L. Correntes da ética ambiental. Petrópolis: Vozes, 2003.

RUSCHEINSKY, A.. Educação ambiental: abordagens múltiplas. São Paulo: Artmed, 2002.

SANTOS, B. S. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortes, 2010.

SCANNAVINO, Caetano Filho. Florestas. Amazônia e inclusão: ou mudamos já o jeito de viver ou o jeito que vivemos vai mudar. In: FUNDAÇÃO KONRAD ADENAUER. Caminhos para sustentabilidade. Rio de Janeiro, 2012.